

## FOLHA POLITICA E LITTERARIA.

— SUBSCREVE-SE A 2500 RS. POR TRI-  
MESTRE (13 NÚMEROS) E VENDE-SE CADA  
FOLHA AVULSA A 200 RS. NESTA TYP.

SABBADO 15 DE JANEIRO.

MARANHAO TYPOGRAPHIA DA TEMPERAN-  
CA, IMPRESSO POR MANOEL PEREIRA  
RANOS, NA RUA FORMOSA CAZA N. 2.

## EXTERIOR.

Corresp. do Jornal do Comercio.

(Continuado do numero 424.)

Paris, 23 de setembro.

Em Toscana vaõ correndo as cousas quasi como em Roma, e já o grão duque se vio na necessidade de assignar o decreto que determina a organisação da guarda nacional. Em Lucca tamhein o povo rompeu de repente em uma violenta explosão de furor patriótico, que obrigou o duque a prometter lhe, em uma proclamação que lhe dirigi, as mesmas reformas já iniciadas em Roma e na Toscana, e sobretudo a organisação da guarda nacional; e posto que pouco depois se arrependera e se escapasse furtivamente dos seus estados para a cidade de Massa, pertencente ao duque de Modena, onde revogou as concessões que tinha feito, em breve se vio obrigado a restabelecer-las e a voltar á capital, onde já se tratava de pôr em sequestro todas as suas propriedades e todas as suas rendas. Em Milão finalmente, isto é, debaixo da pressão immediata da tyrannia austriaca, assim mesmo teve lugar nos dias 8 e 9 uma demonstração semelhante, que obrigou o arcebispo a sair á rua e pôr o governo na dura necessidade de reprimir a força com a força, o que só conseguiu á custa de violências e de effusão de sangue, que o fizeraõ ainda mais odioso.

Achando-se as cousas nessa figura, mal pôde calcular-se por ora até onde os acontecimentos poderão marchar; e tal pôde ir sendo a marcha dellos, que a final o resultado venha a ser bem diferente do que em Roma se pensa e se deseja. Pio IX, homem de excellentes intenções e dotado do melhor coração que jaunia palpitar em ponto humano (exponho unicamente as idéas que me são proprias, e pouco me importa com o que outros pensam e dizem), é comudo, como homem de estado, politico extremamente mediocre, e não tem o grão de penetração necessário para poder calcular os resultados provaveis de qualquer medida politica um pouco grave. Dominado pelo desejo exclusivo (e tão louvavel) de fazer o povo feliz, entendeu de bona fé que a maneira mais propria de conseguir o seu fim consistia em satisfazer as impaciencias do povo e em atirar consigo a olhos fechados pelos andurrioses do que se chama progresso, que é o escolho em que todos estes pequenos pilotos de cabotagem politica vão naufragar. Até agora, embebedado pelo veneno da immensa populari-

dade de que goza, adorado até a idolatria pelos seus próprios subditos, proclamado por toda a Europa Messias e regenerador da Italia, favorecido e animado pelo governo de Inglaterra, que lá lhe envia agora lord Minto na qualidade de representante officioso enquanto a legislacão ingleza lhe não permite o titulo de embaixador oficial, nenhum motivo de desgosto tem tido; antes tudo concorre para lhe fazer crer que está no verdadeiro caminho; porém os instintos democraticos do povo não são causa com que os soberanos brinquem impunemente, e tarde ou cedo os acontecimentos lhe farão ver quanto andou errado em querer mais ser rei do que papa, que é a sua verdadeira misão, e em esquecer-si de que, na qualidade de verdadeiro vigario de Jesus-Cristo, o seu reino não devia ser deste mundo. Enquanto for caminhando no mesmo sentido das inspirações populares, tudo vai bem; mas, quando (o que não tarda) o gigante voraz lhe exigir mais e mais e o governo se vir na necessidade de lhe dizer: *Altô lâ! entâo começará o conflito inevitável em que a autoridade hâ de ficar vencida, e que pôde acabar pela abolição da soberania pontifícia, uma das melhores instituições das eras que nos precederão, e hoje talvez a unica garantia da unidade catholica, de que a humanidade já tinha colhido e ainda esperava tão grandes bens.* Esta perspectiva tem muito de melancolico, e de certo aíla se não apresentar uma só vez ao espirito do generoso pontifice; porém o tempo lhe mostrará e lhe porá diante dos olhos o que agora nem ao menos se atreve a imaginar.

Deus queria que este conhecimento não venha tarde; mas, a julgar pelo carácter da pessoa e pelas idéas que tem desenvolvido até agora, é muito de recear que não somente venha tarde, senão tardissimo; e unicamente na hora supremo do desengano.

*Già quando all'affannosa  
Pensir s'affacciava  
Quinci il calente secolo  
Quindi la eterna élâ!*

Muitos symptomas me fazem já reciar a explosão da catastrophe que acabo de predizer; mas um daquelle que mais receio me inspira é o que vejo que se está passando actualmente em Nápoles, sem maior motivo que o contagio do veneno vento democratico que está soprando de Roma. Entre todos os diferentes soberanos que actualmente reinam em Europa, Fernando II, rei das Duas Sicilias, é certamente um daquelle a quem o povo mais deve e que maior numero de provas tem dado do zelo e solicitude com que

cuida dos interesses e da felicidade dos seus subditos. Este principe, que nos primeiros dias do seu reinado nada prometia e de quem nada se esperava, tem todavia mostrado ultimamente tão grande talento de governar, que, se alguém proponer para modelo o seu actual sistema de administração, não dirá nada de mais. De facto, o reino de Nápoles dos nossos dias e o mesmo reino do tempo de Fernando I ou de Francisco I são duas entidades que não apresentam a menor analogia ou semelhança. O exercito, sem organisação e disciplina durante os dous primeiros reinados, só servia para fazer revoluções e despesa; a marinha não existia; as finanças inteiramente arruinadas, era o modelo da confusão e da desordem. Hoje podem as tropas napolitanas apparocer sem vergonha ao lado das mais bem organizadas do resto da Europa; a marinha é incontestavelmente a mais poderosa de todas as das diferentes potencias do Mediterraneo; as finanças, enfim, tem sido administradas de tal maneira, que não só todas as despesas se fazem, mas para cima de 20 milhões da divida publica já foram amortizados, e o resto com toda a certeza o ha de ser se a revolução não vier cortar em flor esperanças tão bem fundadas. E entretanto (cousa inverivel) nem assim mesmo o povo se dá por satisfeito, e não cessa de machinar revoluções!

O estado actual do paiz é realmente melindrosissimo. A insurreição das Calabrias tem medrado de tal maneira, que aquillo que o governo possue destas duas importantes provincias é unicamente o que as suas forças occupão militarmente. O exercito rebelde conta de 5 até 7 mil homens que operam muito á sua vontade, e até publica uma especie de folha oficial que dá conta com muita regularidade das suas operações. As sublevações nos gritos de — *Viva Pio IX e a Italia* —, são de todos os dias, e a maior parte das vezes com resultado. Reggio cahio por este modo em poder dos insurgentes; Messina toria passado pela mesma sorte, se o governo não reprimisse á força de effusão de sangue, o movimento que rebentou no dia 3, retirando-se os sublevados, vencidos e derrotados, para as montanhas vizinhas; na propria capital, enfim, talvez tivesse tambem rebentado já alguma conspiração no mesmo sentido, se a presença da esquadra francesa do Mediterraneo no porto de Nápoles não inspirasse respeito aos inquietos.

Da Sicilia sobretudo são as noticias desgraçadissimas; mas nesta parte julgo que deve haver grande exageração, porque quem espalha estes boatos são alguns Sicilianos que aqui se acham, e que fa-

zem parte da propaganda italiana de Paris. Segundo elles pretendem, Syracuse, Cattanea e até a propria capital da Ilha, que é Palermo, devem ter sucedido a estas horas o jugo do domínio napolitano. Trata-se de nada menos que de proclamar a independência da ilha; segundo uns, de uma mancira absoluta e com um soberano independente; segundo outros, unicamente para restabelecer a constituição representativa de que a Sicilia gozava em outro tempo, ficando contudo a ilha, ainda que constituído um reino sobre si, reunida à coroa de Nápoles, pouco mais ou menos pela maneira por que a Noruega se acha actualmente reunida à Suecia. Todas estas versões, e sobretudo a da independência absoluta em que dizem que consiste o plano da Inglaterra, aqui são espalhadas pelos exaltados; porém, como ouço o nome do príncipe de Capua misturado a tudo isto, são cousas que me entram por um ouvido e saem pelo outro. Conheço a incapacidade da personagem por informações mais seguras que as que dão os jornais; se os patriotas sicilianos não tiverem outro chefe para pôr á testa do movimento, pôde todo o mundo ter a certeza que não será nenhuma tal palma que ha de treinar em Palermo.

Como quer que seja, tendo o estado das cousas tomado de repente tal gravidade, que até já em Cosenza a destituição de Fernando II tinha sido proclamada pelas autoridades insurrecionais, nenhum outro remedio restava no governo, se quisesse compriir eficazmente a revolução, senão recorrer imediatamente ao emprego de medidas energicas e rigorosas; e foi o que aconteceu. Imediatamente foi enviado contra Reggio o conde d'Aquila á testa de uma força respeitável. Debaxo das suas ordens teve lugar o bombardeamento da cidade, com grande estrago dos edifícios e não menor effusão de sangue dos habitantes; e posto que o bispo, á testa de uma deputação, saiu á implorar a clemencia do vencedor, sômente cesso o fogo depois que os insurgentes evacuárão a terra e que a cidade se rendeu á disciplina. Ao mesmo tempo as comissões militares estabelecidas em Messina e em outras partes davão, segundo as ordens que tinham, exemplos de terrível severidade. Todos aquelles que erão apanhados com as armas na mão erão julgados sumarissimamente e sem mais forma de processo executados, sem appellação nem agravo. Vinte e cinco mancos das melhores famílias dos distritos vizinhos forão por este modo fuzilados em Messina em um só dia. Estes rigores affligem, e não ha nada mais deplorável do que a necessidade de empregá-los; porém, quando se trata de compriir uma revolução, é necessário obrar com decisão e energia, ou não desembainhar a espada. E a unica maneira de poupar ao paiz maiores desgraças.

As ultimas notícias da Italia que aqui temos alcançado até o dia 15, jneiso relativamente a Nápoles. Nesta data ainda não havia melhoramento importante na situação deste ultimo paiz; porém o exerceito mostrava as melhores disposições, e não havia o mais pequeno indicio das defecções que se temião.

Em Roma tinha já o ministro austriaco respondido á intimação que lhe ti-

nha sido feita sobre a evacuação de Ferrara. A substancia da resposta foi que o governo de Vienna estava resolvido a sustentar o direito que lhe garantirão os tratados. Apenas esta resposta foi conhecida, tomou o entusiasmo popular grandes alturas, o que não era de admirar; mas a estas demonstrações de exaltação patriótica misturáro-se outras com que o governo seguramente não contava, á vista das providencias a que elas o obrigaram. Os gritos que partiam dos grupos reunidos nas praças publicas já não erão simplesmente: *Viva Pio IX! Viva o cardeal Ferretti!* Gritava-se: *Viva a Itália! Viva a independência italiana!* O laço que traziam os patriotas também não era o laço nacional; era o laço tricolor, ou da independência, branco, azul e verde. Tudo isto deu muito cuidado ao governo; e no dia 12 apareceram um decreto, assinado pelo cardeal Ferretti, que mandava proceder com todo o rigor das leis contra os autores *destas demonstrações sediciosas*.

A dieta suíça suspendeu com efeito as suas sessões, e só tornará a reunir-se em 18 de outubro, para se ocupar das medidas necessárias para levar a efeito a resolução que mandou dissolver o *Nonderband*; antes de separar-se, porém, tomou sobre a questão dos Jesuítas uma resolução importante, posto que marcada com o mesmo cunho de hesitação que todas as precedentes. Declarou que a questão da conservação ou expulsão dos Jesuítas era realmente negocio federal, e que por consequencia á dieta e não aos governos cantonais competia o decidí-la: não se atreveu, porém, a ir mais longe, e contentou-se de *convidar* os diferentes governos da confederação a expulsar a ordem proscripta, se já estivesse estabelecida no território respectivo, ou a não admiti-la, se ainda o não estivesse.

Queria dizer-lhe duas palavras sobre os imundos amores do rei de Baviera; porém confesso que me falecem as expressões e o animo para ocupar-me de cousas tão asquerosas. Contentar-me-hei de dizer em summo que no dia 14 do mês passado elevou o rei Luiz, por meio de um decreto especial, Lola Montez á dignidade de condessa de Mansfeld, dando-lhe armas proprias, e concedendo-lhe todos os privilégios e prerrogativas que ao título andão anexas em Baviera; e não contente com este abuso de autoridade, já tão indigno, levou o esquecimento da propria dignidade ao ponto de o obrigar a raiúla a conferir á prostituta a ordem Maria Theresa, que sómente as primeiras damas do reino costumava ser concedida. Por este modo caiu o rei de Baviera no mais baixo ponto de abjeção e de miseria em que um soberano pôde cair. Deus tenha delle piedade!

#### VALERIANA.

#### MISCELLANEA.

Da Barba.

—Uma barba comprida e farta como a cauda de um cavalo, foi considerada entre os antigos como um grande ornamento do homem. Os Gregos e Romanos adornava com ella as estatuas dos seus deuses, á excepção de Apollo e Baco, que sempre

se figuraraõ imberbes, e o que é mais para admirar é que este gosto extravagante vo-gasse tanto na Arabia, no Egypto, na India e na Africa, isto é, nos paizes mais calidos, aonde semelhante ornato devia incomodar mais a quem o trazia.

Apezar contudo d'esse não pequeno incomodo, esse uso lá subsiste ainda hoje, e nada ha de que os Asiaticos e Africanos sejam mais ciosos. Alguns mercadores franceses levaram á China para negocio alguns lenços, em cujo centro estava pintado um satyro, que uma nympha levava áspero si agarrado pela barba; este insulto á barba fez tamango escândalo, que os magistrados havendo tomado conhecimento d'este grave negocio, e ouvindo os mercadores citados perante o seu tribunal, não se fazendo cargo das suas desculpas e das suas explicações, publicaram uma chapa, pela qual se mandava debaixo das penas mais severas, que os perpetradores d'este enorme attentado contra a magestade da barba subissem imediatamente do imperio. Esta sentença deu, é certo muito que ir na Europa, mas se nós metessemos a mão no peito talvez que nos salhássemos bem leproza. É muito prudente que os povos não riam uns dos despropositos dos outros, porque diz o ditado portuguez—*cá e lá más fadas ha*—e é mui facil que os zombados achem em desfora sobre motivo para zombar dos zombadores.

Com a invasão dos barbaros do Norte cresceu na Europa o gosto pelas barbas longas; aquelles povos as usaraõ, e nada mais natural do que os vencidos imitarem os usos dos vencedores, assim como abraçarão grande parte dos seus costumes, e a sua mesma língua.

Cumpre contudo observar que este uso da barba comprida nos povos do Norte, tinha um motivo rasoavel porque lhe agasalhava o pescoco e os labios contra o intenso frio das regiões em que vivião, sendo certo que a natureza provida enroupou n'aquelle clima com muita lha e gadelha, a todos os animaes, mesmo a quelle que nos climas quentes têm o pêlo mui curto.

A dominação dos Mouros cooperou muito para a conservação das barbas compridas na Peninsula. Hespanhoes e Portuguezes as usavaõ como se vê dos retratos dos reis, e personagens antigas tanto de Portugal como de Hespanha.

Forão os Portuguezes os primeiros que no reinado d'el-rei D. João I, começaram a cortar as barbas, por cujo motivo as sacerdotes hespanholas, lhes chamavaõ por zombaria—*chamorros*.

No tempo de Luiz XIV cessou de todo o uso das barbas compridas na Europa, e ai d'aquelle que se atrevesse a aparecer nos salões e diante de pessoas de respeito, seõ serem bem barbeados e amoladinhos, porque em tal caso passariaõ por mal criados, sordidos e faltos de respeito para as pessoas a quem se apresentavão em tal negligé.

Os frades porem que folgão de andar sempre em contradicção com o resto da gente, obstinaraõ-se em conservar as barbas; franciscanos, capuchinos, cartuchos, trapistas etc. capricharaõ todos em se parecerem n'aquelle uso com os Mouros, os Judeos, e os Indianos.

Introduziu-se depois nos exercitos o uso dos bigodes, e parece-nos que foi Frederico da Prussia o inventor d'esta novi-

dade, assim como das varetas de ferro para as espingardas, que até ali eram de pau como as das armas caçadeiras, e do fogo a três de fundo.

Introduziu-se depois a barba comprida nos porta-machados dos regimentos, cousa que não deixava de fazer seu efeito pela singularidade, e porque estava em harmonia com barretinas em feição de turbanos, e o avental de que usavam.

Tinha-o ficado as cousas neste estado até a época em que rebentou o vulcão da revolução francesa, e os mestres-barbeiros na posse de raparem na Europa a todo o mundo, menos os camponeses russos, que censuravam este aparato asiático, com a mui notável circunstância de que servos da gleba, seus senhores que os podiam desancar a pau cada vez que se lhe antojava tinha-o apezar d'isso o direito de lhes puchar pelas barbas; tão respeitada e privilegiada era aquella excrecência felpuda!

Mas o phrenesi que levou os revolucionários franceses a trocar os seus nomes de baptismo pelos de Bruto, Cassio, Casca, Scipião, Catão, Cincinato, Púlico, e de outros heróes, que elles em sua ignorância tomavam de mui boa fé por demagogos mui puros, quando na verdade tinham sido todos aristocratas decíduos, os levou também a quererem ser barbi-longos como esses heróis de quem báviam tomado o nome. Então a França se tornou em um convento de frades barbadinhos, porque ninguém ousava aparecer em público sem barba, suíssas, bigodes e passapólio, sob pena de ser logo capitulado de aristocrata, suspeito, moderado, realista, e outras quejandas alcunhas que não eram tão pouca coisa que não levasssem por fim um homem a *la lanterne*, e a *la guillotine*, ao mimo passo que todas as madumas do grande tom cortavam os cabelos, e appareciam dando ares de estudantes que por desenfado de faccia ou como hoje se diz es *trainice*, tinham tido o capricho de vestir-se de mulher.

Apezar do horror que inspiravam os excessos e crimes dos revolucionários franceses, esta mania de *cabeças redondas* nas feineas, e das caras de bode no homem, conseguiu difundir-se pela Europa, porque parece que os homens tem uma notável tendência para abraçar tudo quanto tem ar de extravagância e absurdo.

Esta moda faz a pedir esmolla os cabaleiros que não tinham antes d'ella mãos a medir, e se viam na obrigação de ter cavallo para andarem a tempo e a horas a pentear os freguezes, e suposto que a nação portugueza fosse sempre a menos atacada d'esta epidemia, não deixou ella comitido de lavrar n'ella até a época de D. Miguel, em que as barbas longas conseguiram de novo tornar-se do bom tom, e screvin a divisa do partido realista, ou miguelista para nos expressarmos com mais propriedade: o que fazia ver que aquele partido procurava regredir aos tempos da barbaridade.

Bem sabemos nós que vamos incorrer no ódio do bello sexo, que sempre tem mostrado grande predileção pelos homens de barba comprida, mas como a rasa tem mais força que todos os respeitos humanos, não podemos, com perda das meninas curiosas d'aquelle ornato bestial, deixar de dizer que a barba com-

prida, além de ser uma moda barbara e sordida, é um ridículo contrasenso com os nossos costumes actuais.

A barba comprida e os longos bigodes estão em harmonia com as roupas talares e fluctuantes dos Turcos e dos Orientais, com a sua falta de movimento e viveza. Pela mesma razão parecia tolerável nos frades em rasa dos hábitos de que faziam uso.

Mas que harmonia? que relação pode ter uma barba fluctuante até à cintura, com os nossos vestidos justos que parecem uma segunda pelle? nenhum.

Quando vemos um homem de chapéu redondo, frak justo, collete de rebuço, calça branca e *afumbrada* como vulgarmente dizem, e toda a cara emmoldurada em largas suissas, e bigodes e barbas de dous palmos, nos parece ver um anão traendo enfiada na cabeça a máscara de Hércules!

Qual será o motivo que induz os homens a usar de uma cousa tão incomoda como a barba comprida especialmente de verão? será o desejo de parecerem formosos? mas pode considerar a formosura em ter cara de orang-utango? indicar valor? mas os bodes que tem grandes barbas fogem diante dos lobos, que não tem barba nenhuma. E alem d'isso os oficiais do exército inglês por mño temem barbas não são menos bravos e valentes, que outros quaesquer; inculcar respeito? mas Napoleão nunca precisou d'isso para o infundir; logo o uso da barba grande é uma mania, e nada mais.

(D. do Rio de Janeiro.)

#### REULTADO DA VOTAÇÃO.

Reultado da eleição para deputados gerais nos collegios da capital, Guimarães, Alcântara, Viana, Itapucurá-mirim, Caxias, Chapada, com 121 eleitores:

1 Dr. Joaquim Franco de Sá.....	352
2 Dr. Francisco Joze Fortado.....	254
3 Coronel Izidoro Jansen Pereira.....	248
4 Dr. Fabio Alexandre de Carvalho Reis.....	232

Seguem-se em votos.

Dr. João Duarte Lisboa Serra.....	157
Joaquim Mariano Franco de Sá.....	140
Dr. João Pedro Dias Vieira.....	113
Dr. Viriato Bandeira Dinarte.....	50
Dez. Tiburcio Valeriano da Silva Tavares.....	38
* Dr. Gregorio de Tavares Ozorio Maciel da Costa.....	27
* Dr. Joze Thomaz dos Santos Almeida.....	21
* Dr. Joze Jansen do Pago.....	20
* Dr. Joze Martins Ferreira.....	14
Dr. Fernando de Melo Coutinho de Vilhena.....	1
Francisco Cândido de Sá.....	1
Dr. Manoel Jansen Pereira.....	1
Conego Joze Gonçalves da Silva.....	1

Os candidatos notados com asteriscos pertencem à oposição.

Em Viana se apresentaram treze eleitores do Mearim, onde houve duplicata de eleições primárias, porém os legítimos eleitores de Viana, em numero de 20, os declararam illegais e nulos, tomando-lhes todavia em separado a votação, que foi a seguinte:

Dr. Joaquim Franco de Sá.....	12
Dr. Lisboa Serra.....	13
Coronel Izidoro.....	10
Dr. Dias Vieira.....	7
Dr. Fabio.....	6
Dr. Fortado.....	3

Em Viana a oposição figurou ter feito eleições primárias no Aquiri, para onde os seus partidistas se retiraram depois dos disturbios da tarde de 6 de novembro, posto que o juiz de direito Santos e Almeida, no officio que então dirigiu á presidência, nem uma palavra digna a tal respeito.—Com os eleitores dessa eleição, cuja votação foi tomada em separado, com os de Monção, e com os da outra turma do Mearim, figurou-se um collegio, reunido em casa do comandante superior Mansel Antonio de Souza, cujo resultado, com o de outros collegios da oposição da mesma natureza, daremos adiante.

Em Itapucurá-mirim, a oposição figurou uma eleição primária, e um consequente collegio eleitoral de 15 membros, reunido em casa do comandante superior Wenceslau Bernardino Freire.

No Brejo, a oposição de que é chefe o comandante superior Domingos José Gonçalves fez aliança por alguns dias com a fraccão da Liga de que é chefe o tenente coronel Lago, rompeu, e se-lá depois com a fraccão cabana, e esta mesma rompeu-se ao cabo de dous ou tres dias.—Tinham havido duplicatas de eleições primárias na villa do Brejo, e na Matriz de S. Bernardo.—No meio das alianças feitas e rotas nos dias 6, 7, e 8 de dezembro, houve roubos de livros de actas, protestos contra illegalidades e falsificações, tomadas de votos em diversos lugares &c. &c. O Observador não tem dado a perceber que não pôde absolutamente dar notícias do Brejo; porém o Estandarte a publicar a votação do supposto collegio oposicionista dali revela parte dessas irregularidades, e confessa que quatro eleitores do Brejo, e dez da Tutoya, Arraioses, e Miritiba, se abstiveram de votar, e foram multados!

Ainda não vieram as actas de Pato-Bons. Corre que no collegio se reuniram 41 eleitores; supomos haver inexactidão neste bruto, porque os eleitores de toda a comarca pouco excedem a vinte, segundo as participações officiaes recebidas pela presidencia, já depois das reclamações.—

Resultado da votação dos collegios oposicionistas de Viana, Itapucurá-mirim, e Brejo, com 95 eleitores.

Dr. Joze Jansen do Pago.....	95
Dr. Joze Thomaz dos Santos Almeida.....	84
Dr. Gregorio de Tavares Ozorio Maciel da Costa.....	73
Dr. Joze Martins Ferreira.....	60
Dr. Cândido Mendes d'Almeida.....	43
Coronel Izidoro Jansen Pereira.....	15
Dr. Fabio.....	1
Dr. Dias Vieira.....	1
Dez. Tiburcio.....	1
Antônio de Sousa Ribeiro.....	1

Faltam ainda as actas dos collegios oposicionistas da Villa do Paço e Crotá, com 37 eleitores, cumprindo notar que dos 30 do Crotá só 22 se apresentaram para votar no collegio de Caxias, onde não foram admitidos.—Dizem que a oposição também espera actas da

Chapada, nas quais é muito de presumir que venha com imensa maioria o Dr. José Martins Ferreira.—Nas que tem vindo a luate até hoje, acha-se em primeiro lugar o Sr. Dr. Paço, e ainda terá elle maioria, acumulando-se a estes os votos obtidos nos collegios legítimos, apesar dos doze que em Caxias alcançou solidariamente o Sr. Maciel da Costa. Observa-se mais que o Sr. Cândido Mendes que nem para deputado provincial teve votos em Guimarães, que apenas para provincial os obteve em Viana, já os vae obtendo para geral no collegio do Itapucuru, e outros adjacentes.—É mister confessar que estas actas feitas *après coup* e à vista de certos resultados conhecidos, são muito perigosas, até para os candidatos do mesmo partido.

(*Publidador Oficial*)

## A REVISTA.

AS EDIÇÕES DA REVISTA.

—Si o presidente da província empregasse a continuação de alguma obra de reconhecida utilidade, como o Caes da Sagrada, não foi elle quem a propôs ou principiou, mas o seu predecessor Beltrano;—se intenta aperfeiçoar algum establecimento público, como a casa dos Educandos Artífices, não foi elle quem o propôs ou organizou, mas o seu predecessor Ialano;—si quer reparar ou reconstruir algum edifício nacional prestes a desabar, como o da Madre de Deus, é só para ter o gosto vao de ver o seu nome esculpido no portal do edifício;—si projecta melhorar alguma geração de cultura, como a canna de açucar, fazendo vir nova planta das províncias vizinhas, mette-se logo a, causa a rediculio, e chacote-se de má graca. Tais são as trividades e misérias com que o Estandarte e o Observador se exforçam para rebaixar o mérito das vistas utilitárias do Sr. Franco de Sá, como si continuar uma obra, aperfeiçoar um estabelecimento, reconstruir um edifício, e melhorar qualquer geração de cultura, não fosse taobem crear e produzir!

Ha certos espíritos mesquinhos, acaanhados, contrafeitos, rachíticos, baixos, invejosos, odiantes, incapazes de compreender o bem que não está ao seu alcance, e tendo somente o instinto do mal que podem causar, como os animais venenosos e peçonhentos.—Condenados pela própria inferioridade a representar na sociedade um papel secundário, e desejando, mas não podendo saber de sua esfera e condição, vingao-se do desfavor com que os tratou a natureza, mordendo, abocanhando e depremendo as capacidades e inteligências superiores a que tem inveja e ódio, pela unica rasa de serem superiores. Para os taes os dotes e bôas partes que enxergão nos outros, e de que se reconhecem carcedores, são um crime inperdoável, um tormento insuportável. Ora os dois órgãos da oposição camarilleira pensão em tudo e por tudo, como si estivessem justamente neste caso.

O pensamento civilizador—de conciliação e confraternidade da família maranhense, de desenvolvimento da nossa indústria, de promoção da nossa futura grandeza e prosperidade—surdio do meio das

necessidades da situação, como uma idéa da época, como um iris de bonança, como um santelmo de salvagão. Adoptado pelo governo como programa, abraçado pela liga como divisa, este pensamento grassa, inocula-se, ou antes incarna-se na populaçao que deseja sair do abatimento e miseria a que se vê reduzida, vinga, propõe e triunfa por toda a extensão da província. O Estandarte e o Observador, incapazes de comprehendê-lo, oprimem-se-lhe com toda a energia do ódio; desfiguram-no, adulteram-no, caluniam-no; insultam, deprimem, caluniam aquelles que o propagam; mas são por fim vencidos e esmagados na injusta causa que defendem. E incorrigíveis no seu erro, continuam ainda depois de vencidos a injuriar, abocanhar, praguejar e caluniar os vencedores.

Entretanto perguntaremos nos dois empreendidos campeões do exclusivismo, o que é que fez a camarilha em beneficio desta província, durante o tempo do seu domínio parco e extreme? Talvez que se achem bem embarracados para respondermos, pois, além do total desarranjo em que ficáram os diversos ramos do serviço público, e com especialidade o tesouro onde não havia vinte, e os pagamentos estavam, para assim dizer, suspensos, nada por certo encontrariam que mereça ser lembrado. Os Srs. Mariano e Serqueira que então davam as cartas, e hoje, segundo é fama, rabiscão o Estandarte, digno o que propuseram, aconselharam ou fizerao de útil.

O Sr. Franco de Sá porem tão caluniado e depremido pela imprensa camarilleira conseguiu dentro em pouco tempo introduzir a ordem nesse caos, fazendo com sabias e ajustadas providencias desaparecer os apuros do tesouro onde já havia dinheiro em caixa, e regularidade nos pagamentos, o levando a ação inteligente do governo aos outros ramos de serviço. Além disto que não é pouco, e bastava para acreditar a qualquer outro administrador, deu impulso a construção das obras públicas (\*) que se achavam totalmente paralisadas, e para as quais nem ao menos se consignava no orçamento provincial quantia que valesse a pena de ser mencionada, e tem procurado, quanto está de sua parte, unir a nossa decadente lavoura, e indústria em geral. E é de crer que muito mais teria feito senão tivesse fechado os cofres exhaustos, e a província onerada com um enorme deficit a que cumpría occorrer de prompto.

A prova dos importantes serviços prestados a província pelo Sr. Franco de Sá está nos próprios fratos que dão continuamente ao engenho os seus incansados detractores, para rediculizar objectos de reconhecida utilidade pública, como a continuação da obra do Caes da Sagrada, a estrada do Caminho-Graude, a obra da Madre de Deus, a introdução de uma nova planta para melhorar a cultura da canna, &c. Sim, que si tudo isso não fosse útil, e muito útil, não procuraria o elles que, a mingua de factos, inventam patanhas com o fim de empêcer e deprimir, attenuar-lhe o morro, negando a sua transcendência, e chacoteando de má graca, como costumão.

(\*) Este ramo de serviço acha-se hoje regularmente organizado, e a cargo de um directorio composta de engenheiros e peritos.

A camarilha não pode perdoar ao Sr. Franco de Sá o não se ter curvado nos seus dictames, nem à liga o não se ter deixado vencer na liga eleitoral; por isso as suas folhas cuja missão é de ódio e de vingança, não fazem mais que covardia. Vomitam toda a sua bilis, caluniam quanto quizerem, neguem o mesmo que está à vista, que nada mais conseguiram que convencer o público ilustrado de que ou não tem interesse na prosperidade do paiz, ou não estão a par das luzes do seculo.

## AVISOS.

—A Meia da Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Navegantes, erecta no Convento de Santo Antônio desta Cidade, avisa ao respeitável Públco que por inconvenientes que houverão fica transferida a festividade do Meu Senhor para o dia trinta do corrente, com Vespas e Missa Solemne, havendo nesse mesmo dia pelas seis horas da manhã a Chrismaria que será ministrada pelo o Exm. Sr. Bispo D. Frei Joaquim Conde de Arganil. Maranhão 11 de Janeiro de 1848.

O Secretario,

Antônio Manoel de Moraes Rodo.

—Tendo sido pela Delegacia de Polícia d'esta Capital capturada huma negrinha de nome Florinda, escrava de Antônio Jansen Lima, com um embrulho contendo algumas peças de obras de muller, e huma colher de prata com firma se faz o presente anuncio para que compareça á mesma Delegacia quem for seu dono, afim de receber os depois de dados os signaes precisos. Maranhão 8 de Janeiro de 1848.

Henrique de Britto Guilhon.

—Os herdeiros do Commandador Antônio Raimundo Franco de Sá vendem a Sumaca União que se acha no Estaleiro do mestre Carpinteiro Jose de Oliveira Santos, para renovar; no estado em que se acha. Quem a pertender falle com o Major Francisco Mariano Ribeiro em Alcantara, ou com Manoel Antonio dos Santos, nesta Cidade.

## Leilão de obras de prata

### O CORRECTOR

—Manoel José Gomes na segunda feira 17 do corrente mês no seu armazém da praia grande faz leilão de diferentes obras de prata; a saber: huma rica banqueta para Altar, castiças, taboleiros, salvas, um aparelho para cha, paliteiros, escrivaninhas, colheres, ficas, garfos, e outras obras todas usadas, e pertencentes a herança do orfão Sebastião Gomes da Silva Belfort, as quais serão arrematadas a quem mais oferecer. Principiará as 11 horas. Maranhão 10 de Janeiro de 1848.

—José Antonio Ferreira, actualmente caixeiro do Sr. Joso das Neves Silva faz sciente, que por haver outro (ou outros) n'esta Cidade de igual nome, se assinará de hoje em diante—José Antonio Ferreira Sampaio. Maranhão 12 de Janeiro de 1848.

## RAPÉ

—Ha no Depozito do Novo contracto de Lisboa, na Rua grande Caza n. 16, do chegado no ultimo Navio.

Em latas 3:400 reis.

Maranhão Typographia da Temperança—Impresso por M. P. Ramos, rua Formosa n. 2—1848.